



## USO DIDÁTICO DE FERRAMENTAS DIGITAIS EM PERÍODO DE ISOLAMENTO SOCIAL PELO SARS-COV-2

José Reginaldo Alves de Queiroz Júnior<sup>1</sup>  
Gyl Everson de Souza Maciel<sup>2</sup>  
Carina Scanoni Maia<sup>3</sup>

### RESUMO

Em virtude da quarentena pela pandemia do COVID-19, foram elaboradas ferramentas digitais para auxiliar alunos e professores nas aulas sobre educação sexual de forma remota por meio das plataformas Gsuíte, Moodle e por Lives em redes sociais de forma síncrona e assíncrona. As referidas ações visando os aspectos reprodutivos e educativos sobre uso de contraceptivos, permitiram trocas de saberes entre estudantes do ensino superior, professores de Biologia da rede básica e estudantes do ensino médio da rede pública estadual de Pernambuco.

**Palavras-chave:** Reprodução, Ensino Médio, Aulas remotas.

### INTRODUÇÃO

A sexualidade do ser humano tem importância incontestável na saúde física e mental. Na população jovem, os métodos mais utilizados são a pílula oral e o preservativo masculino, isoladamente ou combinados. Contudo, é essencial para o sucesso da contracepção a escolha adequada do método. Esta escolha é dependente da idade, relacionamento sexual estável, nível de cooperação entre os parceiros, eficácia, custo, acesso, conveniência, gravidez proibitiva, estado de saúde e contra indicações.

A elevada infectividade do SARS-CoV-2, agente etiológico da COVID-19, somada a uma ausência de imunidade prévia na população humana, bem como de vacina contra este vírus, faz com que sejam indicadas intervenções não farmacológicas (INF) (ANDERSON et al., 2020; GARCIA; DUARTE, 2020). Essas ações visam inibir a transmissão do vírus entre humanos e desacelerar o espalhamento da doença.

---

<sup>1</sup> Professora Adjunto da Universidade Federal de pernambuco - UFPE, [carina.scanoni@gmail.com](mailto:carina.scanoni@gmail.com)

<sup>2</sup> Graduando do curso médico da Universidade Federal de Pernambuco- UFPE, [reginaldoqueirozjr3@gmail.com](mailto:reginaldoqueirozjr3@gmail.com)

<sup>3</sup>Doutorando em Ciência Animal Tropical da Universidade Federal Rural de Pernambuco- UFRPE, [gyl\\_everson@hotmail.com](mailto:gyl_everson@hotmail.com)



As INF são medidas de saúde pública com três pontos de atenção: individual, ambiental e comunitário. As medidas individuais incluem a lavagem das mãos, a etiqueta respiratória, o uso de máscaras e o distanciamento social. O distanciamento social, por sua vez, abrange o isolamento de casos, a quarentena aplicada a contatos, e a prática voluntária de não frequentar locais com aglomerações de pessoas (GARCIA; DUARTE, 2020; SCHUCHAT et al., 2017).

Medidas de restrição social, que vão do fechamento de escolas e estabelecimentos comerciais às quarentenas nacionais, são ações cujo foco está no estabelecimento do isolamento social, comportamento no qual o indivíduo deixa de participar - voluntariamente ou não - de atividades sociais em grupo. Isso porque, atualmente, é a estratégia mais eficiente para reduzir o impacto da disseminação do vírus no mundo (OLIVEIRA; BEHM, 2020; VASCONCELOS et al., 2020).

Embora tenha sua eficácia comprovada para a conter a transmissão de doenças, o isolamento social geralmente é uma experiência difícil de ser enfrentada, principalmente por jovens. Essa situação pode proporcionar mudanças comportamentais e adoção de hábitos não saudáveis que possam provocar danos à saúde das pessoas (VASCONCELOS et al., 2020).

Dessa forma, a adesão eficaz das medidas de restrição social como determinações de saúde pública demanda que sejam reduzidos, tanto quanto possível, os efeitos negativos associados ao isolamento social.

O presente estudo tem a finalidade de auxiliar professores de uma escola pública, a promover saúde através de videoconferências, palestras dinâmicas e com animações sobre a importância do uso de métodos contraceptivos na prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST). Essas atividades também irão tornar os discentes do ensino médio, multiplicadores dos conhecimentos adquiridos.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de uma pesquisa do tipo descritivoexploratória, a qual pretende descrever as características de determinada população, ou fatos e fenômenos de determinada realidade, promovendo um delineamento da realidade, uma vez que esta descreve, registra, analisa e interpreta a natureza atual dos processos dos fenômenos. A coleta de dados foi realizada nos meses de agosto a outubro de 2020 de forma remota, em uma escola estadual de ensino médio situada na cidade de Recife, PE.



A composição amostral foi do tipo não probabilística por conveniência. Dos 134 alunos matriculados, 72 (de ambos os sexos) compuseram essa pesquisa em virtude da disponibilidade da internet.

Para realização da pesquisa e videoaulas, foram realizadas as seguintes etapas:

- Agendamentos das atividades remotas com a direção da escola para fazer uma explanação do projeto, solicitar autorização e fazer levantamentos sobre o número total de alunos, horários disponíveis e acessibilidade a internet pelos alunos em casa;
- Envios por e-mail ou Whatsapp, dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para os responsáveis legais pelos menores de idade e dos Termos de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) para os alunos e professores participantes;
- Foram enviados questionários eletrônicos (sem necessidade de identificação por nomes) para avaliar o conhecimento preexistente dos alunos sobre os métodos contraceptivos, no intuito de verificar possíveis dificuldades ou falta de esclarecimentos sobre o tema;
- Foram produzidos animações curtas no instagram a respeito da saúde sexual e métodos contraceptivos para que os alunos possam assistir quando quiserem ou quando dispuserem de internet.
- Ao término dos vídeos, foram enviados questionários para avaliar o conhecimento dos alunos sobre o tema em questão no intuito de verificar se houve aprendizado e comparar com o resultado do 1º questionário;

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

A prática educativa em saúde, além da formação continuada de profissionais para atuar nesse contexto, tem como eixo principal a dimensão do desenvolvimento de capacidades individuais e coletivas visando a melhoria da qualidade de vida e saúde da comunidade assistida pelos serviços. A educação e a saúde são práticas sociais inseparáveis e interdependentes. Sempre estiveram articuladas, sendo consideradas elementos fundamentais no processo de trabalho dos profissionais da saúde (BUSS, 1999).

A educação em saúde, dessa forma, no contexto dos serviços de saúde pública pode envolver dois âmbitos principais: a educação permanente em saúde como política norteadora dos processos educativos contínuos nos diferentes arranjos assistenciais do Sistema Único de Saúde (SUS); e a educação popular em saúde, que reconhece que os saberes são construídos diferentemente e, por meio da interação entre sujeitos, esses saberes se tornam comuns ao serem compartilhados (GONÇALVES et al., 2008).



Assim, o processo educativo em saúde parte do pressuposto da aprendizagem significativa e problematizadora, propondo estratégias que possibilitam a construção coletiva. A educação em saúde vem para romper a prática cartesiana, focada apenas em ações verticalizadas e pragmáticas do processo saúde-doença, ao apresentar a construção do conhecimento como resultado da democratização do saber. Isso evidencia o porquê de tal prática também ser considerada uma ferramenta importante para a gestão de projetos de extensão, pois apresenta um conceito e um fazer que se diferenciam dos processos de educação continuada (VASCONCELOS et al., 2009).

A sexualidade é um aspecto central na vida do ser humano e envolve vários fatores como, a orientação sexual, o erotismo, o prazer, a afetividade, a prática sexual e a reprodução. Atualmente, é reconhecida como um processo de constante construção, iniciado durante a infância, influenciada pelo ambiente onde se vive e podendo ter seu significado modificado conforme a religião, crenças, costumes, normas éticas e morais em que o indivíduo está inserido (BRASIL, 2018).

A partir do século XX, a educação sexual passou a ser reconhecida como uma importante medida de controle epidemiológico, sobretudo na busca de acabar com as infecções sexualmente transmissíveis (IST). No entanto, inicialmente, prevaleceram-se os discursos religiosos de cunho repreensivo, relacionando a sexualidade e a moral religiosa. Posteriormente surgiu a questão sexual pelo caráter higiênico, por conta das estratégias de saúde pública que foram tentadas pelos Estados (FURLANETTO et al., 2018).

O fim da Segunda Guerra Mundial trouxe uma nova concepção de mundo aos jovens da época, com destaque para questões comportamentais. Foi um período de quebra de valores sociais considerados importantes até o momento. Isso fez com que os jovens relacionassem o uso do corpo como símbolo da liberdade, enquanto o sexo, sendo adotado como uso do corpo em sua totalidade, foi o maior símbolo de liberdade estabelecido pelos jovens (KELLER, 2006).

Esse e outros eventos foram fundamentais para que o Estado passasse a ser responsável pelo acesso às informações relativas à saúde sexual e reprodutiva, por meio de políticas públicas, e abordar questões com relação ao planejamento familiar e métodos contraceptivos (XAVIER; ROSATO, 2016). Nesse aspecto, a escola teria papel indispensável na promoção da educação sexual por estar presente na vida do aluno para moldar seus conhecimentos adquiridos no meio familiar e levar conhecimentos técnicos e projetos que garantam os direitos desses novos cidadãos.



Percebe-se, no interior das escolas, o interesse de alguns profissionais em refletir e discutir sobre a sexualidade humana em âmbito pedagógico, considerando que se deve superar a ideia ultrapassada de apenas de tratar a sexualidade humana como prevenção (ROSA et al., 2020). Desta forma, com a falta de informações corretas, este público se torna vulnerável a IST, gravidez precoce, aborto e até desencadeamento de doenças, pelo mal-uso de medicamentos contraceptivos sem a contra indicação de um profissional da área (VIEIRA; FILHO, 2013).

Nesta mesma perspectiva, estudos no Brasil comprovam a falta de conhecimento da população sobre o funcionamento do corpo, a puberdade, a reprodução e a sexualidade, demonstrando a necessidade de orientação sexual adequada (VICENTIM et al., 2019). Assim, a educação sexual desempenha importante papel na formação de informações e opiniões, contribuindo para que seja utilizada da melhor forma. Ela não tem pretensões de focar em aspectos físicos do ato sexual, mas de abordar outros aspectos, como os sentimentos, os afetos e prevenção (ROSA et al., 2020).

Dentre as etapas da vida, é na adolescência onde os indivíduos tendem a assumir comportamentos para os quais não estão preparados, como iniciar relacionamento sexual precocemente. A sexualidade precoce aumenta não só a vulnerabilidade às ISTs, como também a probabilidade de uma gestação precoce (FONSECA et al., 2010).

As causas de morbimortalidade na adolescência e juventude têm-se alterado nas últimas décadas, com aumento das causas que podem ser prevenidas, resultantes dos estilos de vida. A gravidez na adolescência e IST são, atualmente, as principais causas de morbidade (MIRANDA et al., 2018).

Estudos já têm evidenciado a precocidade do início da atividade sexual entre os adolescentes, parecendo associar-se à existência de múltiplos parceiros sexuais, elevadas taxas de ISTs e de perturbações emocionais, maior precocidade do consumo de álcool, tabaco e drogas, maiores taxas de aborto, complicações durante a gravidez e de partos pré-termo (MIRANDA et al., 2018).

A taxa de gestação na adolescência no Brasil é alta para a América Latina, com 400 mil casos/ano. Em 2015, 18% dos brasileiros nascidos vivos eram filhos de mães adolescentes. Quanto à distribuição demográfica, a região Nordeste aparece com maior número de mães adolescentes, concentrando 180 mil nascidos ou 32% do total (VICENTIM et al., 2019).

O tema é tratado como um problema de saúde pública no Brasil, resultante da falta de educação sexual, de planejamento familiar e da adoção incorreta de métodos contraceptivos. Atentar para sexualidade dos adolescentes é uma necessidade que pode contribuir para reduzir



problemas no que diz respeito à sua vida pessoal e social. Para garantir que as escolas cumpram sua função nessa área foi criada no Brasil a Lei nº 60/2009, que inclui educação sexual no currículo do ensino básico e do ensino secundário em todo o território nacional (CARNEIRO et. al, 2015).

Apesar de se observar melhoria nos comportamentos sexuais dos adolescentes e jovens nos últimos anos, a contracepção nem sempre é prioridade no início da vida sexual. Muitos não utilizam qualquer método contraceptivo, ou usam de forma incorreta, o que aumenta o risco de gravidez indesejada e de IST (FERREIRA; TORRAL, 2011; MIRANDA et al., 2018).

O conhecimento que os jovens têm sobre métodos contraceptivos está relacionado às condições de vida da população e, portanto, é influenciado por vários fatores, dentre os quais a escolaridade, o nível socioeconômico e a idade são os mais importantes (DUARTE et al., 2003).

Os contraceptivos podem ser divididos em hormonais e não hormonais. Entre os não hormonais encontram-se os métodos comportamentais, os mecânicos e os de barreira. Dentre os métodos comportamentais estão inclusos a lactação/amamentação (ou amenorreia lactacional), curva de temperatura basal, avaliação do muco cervical, a tabela de Ogino-Knauss (“tabelinha”), o método sinto-térmico e o coito interrompido. Estes métodos requerem determinação do período fértil, o que não é simples na adolescente, pela disciplina e o conhecimento das mudanças físicas puberais, resultando em eficácia de média a baixa (DAYNANDA et al, 2011; SBP, 2018).

Porém, no início da vida sexual podem ser os únicos recursos disponíveis: educam a adolescente sobre seu ciclo reprodutor, atendem aquelas que por motivos religiosos ou filosóficos não se permitem usar outros métodos e não têm custo, mas idealmente sempre deve ser alertada a necessidade sistemática e concomitante do preservativo.

Os métodos de barreira são representados pelos preservativos, diafragma e espermicida. O uso do preservativo é recomendado independentemente da indicação anticonceptiva devido à sua ação preventiva em relação às IST e ao HIV. O preservativo masculino e feminino são os métodos que oferecem comprovadamente dupla proteção. Sua eficácia depende da técnica e constância de uso, com índices de falha do preservativo masculino em 15% na população adulta. Por outro lado, o preservativo feminino tem falha entre 5% e 21%, é mais caro e de distribuição limitada, mas protege a genitália externa (WHO, 2004; SBP, 2018).

O Dispositivo Intrauterino (DIU) é o grande representante dos métodos mecânicos de contracepção. No Brasil, há dois tipos principais de DIU, um hormonal e outro não. O não



hormonal, também conhecido como T de cobre ou T380A, está disponível na rede pública e pode ser utilizado por adolescentes, independente de paridade. O DIU hormonal (Sistema Intrauterino de Levonorgestrel, SIU-LNG) e com o implante subdérmico de etonorgestrel, compõem o grupo dos dispositivos e hoje um dos métodos de alta eficácia contraceptiva. Ainda assim, deve-se também orientar o uso concomitante de preservativos (SBP, 2018).

Os métodos hormonais estão entre os mais conhecidos e com maior quantidade de representantes seguros. É possível destacar os anticoncepcionais hormonais combinados, que contêm estrogênio e progesterona, podendo ser o anel vaginal, adesivo contraceptivo e anticoncepcionais hormonais combinados orais. As adolescentes podem utilizá-los desde a menarca, reconhecendo e utilizando seus benefícios além da anticoncepção, como ação adjuvante no tratamento da tensão pré-menstrual, regularização de ciclos em casos de anovulação crônica e demais irregularidades menstruais; redução da dismenorreia, controle da endometriose e dos sinais do hiperandrogenismo. Apesar de não ser ideal na adolescência, a via oral é a mais utilizada para anticoncepcionais combinados (DAYNANDA et al., 2011; CDC, 2016).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O projeto desenvolvido envolve tanto a pesquisa como atividades de extensão e ainda está em vigência. Porém, nos resultados parciais, foram constatados que dos 134 alunos matriculados no ensino médio da escola, 72 puderam se fazer presentes nas videoaulas síncronas e de maneira assíncrona, responderam os questionários sobre o conhecimento pré-existente e uso de contraceptivos.

A página criada no Instagram já conta com mais de 150 seguidores, incluindo alunos e professores de graduação e da escola pesquisada, mostrando-se mais uma ótima ferramenta de aprendizado, através de elogios tecidos nos comentários.

Constatou-se que 100% dos alunos apresentavam algum conhecimento sobre os principais contraceptivos de barreira e orais, porém, 78% apresentavam dificuldades quanto ao entendimento do ciclo menstrual (período fértil e de menor fertilidade) e os mecanismos de ação e uso da pílula diária e de emergência.

No que concerne as fontes de aprendizados sobre os aspectos reprodutivos, 40% relataram se informar através dos pais, 36% com amigos e os demais com os professores. No entanto 90% concordou que o aprendizado deveria ser através da escola e redes sociais seguras.

Quando questionados se já tiveram relações sexuais, 18% alunos assinalaram que sim. Quanto a idade da primeira relação sexual, 10% afirmaram entre 12 e 14 anos de idade e os



demais, entre quinze e dezessete anos de idade; Quando questionados se já utilizaram algum método contraceptivo (podia assinalar mais de um item), 18% alunos afirmaram que sim. Quanto ao método contraceptivo utilizado com frequência 7% afirmaram ter utilizado pílula diária, 3% afirmaram ter utilizado pílula de emergência; 14% afirmaram ter utilizado apenas preservativo (camisinha); 7% afirmaram ter utilizado o método do coito interrompido; 3% afirmaram ter utilizado o anticoncepcional injetável e 2% afirmaram fazer uso combinado de métodos de barreira com contraceptivos orais.

A sexualidade é uma das dimensões do ser humano que envolve gênero, identidade, orientação sexual, erotismo, envolvimento emocional, amor e reprodução. A mesma é manifestada ou expressa em forma de pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, atividades práticas, papéis e relacionamentos. Envolve, além do corpo, história, costumes, relações afetivas e culturais.

A sexualidade do ser humano tem importância incontestável na saúde física e mental. Na população jovem, os métodos mais utilizados são a pílula oral e o preservativo masculino, isoladamente ou combinados. Contudo, é essencial para o sucesso da contracepção a escolha adequada do método. Esta escolha é dependente da idade, relacionamento sexual estável, nível de cooperação entre os parceiros, eficácia, custo, acesso, conveniência, gravidez proibitiva, estado de saúde e contra indicações.

Como foi constatado nesta pesquisa remota, o início da vida sexual entre os jovens estudados começa em média entre 12 e 13 anos, a orientação Sexual precisa preceder isso para que tenha um caráter preventivo, inclusive, com o uso de redes sociais tão frequentadas pelos jovens. A postergação do contato dos alunos com os temas de sexualidade somente os exporá a informações distorcidas sobre sexualidade e, conseqüentemente, a riscos físicos, psíquicos e sociais.

Nossos resultados parciais corroboram com outros estudos semelhantes em que foi constatado que a maior parte dos jovens com vida sexualmente ativa, afirma ter usado a camisinha em sua primeira relação sexual e com o passar do tempo, outros métodos foram sendo adotados (BRETAS et al., 2018; VIEIRA et al., 2016). Mais pesquisas de artigos estão sendo realizadas sobre o uso remoto com fins educativos para reprodução.

Mesmo com a introdução das redes sociais, é importante destacar a atuação do professor ou outro educador em contato com o aluno, em responder às dúvidas em relação aos métodos contraceptivos, explicando corretamente sua utilização, grau de segurança e eficácia, contribuindo com a aceitação e e conseqüente uso destes por parte do adolescente.





## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso de ferramentas digitais nas escolas de ensino médio, pode ser mais um aliado para os professores visando otimizar a orientação sexual de adolescentes. Os resultados parciais indicaram um satisfatório conhecimento sobre métodos contraceptivos, sendo o uso de camisinha e contraceptivos orais como os mais utilizados por adolescentes.

## REFERÊNCIAS

ANDERSON, R. M. et al. How will country-based mitigation measures influence the course of the COVID-19 epidemic? *The Lancet*, v. 395, n. 10228, p. 931–934, 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. Proteger e cuidar da saúde de adolescentes na atenção básica / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. – 2. ed. – Brasília: Ministério da Saúde, 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS): Guia de Vigilância Epidemiológica do COVID-19. Disponível em <https://covid.saude.gov.br/>. Acessado em 13 de maio de 2020.

BRÊTAS JRS, OHARA CVS, JARDIM DP. O comportamento sexual de adolescentes em algumas escolas de Embu, São Paulo, Brasil. *Rev Gaúcha Enferm.* 2008; 29(4): 581-7.

BUSS, P. M. Promoção e educação em saúde no âmbito da Escola de Governo em Saúde da Escola Nacional de Saúde Pública. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 15, sup. 2, p. 177-185, 1999.

CARNEIRO, R. F.; SILVA, N. C.; ALVES T. A.; ALBUQUERQUE, D. O.; BRITO, D. C.; OLIVEIRA, L. L. Educação sexual na adolescência: uma abordagem no contexto escolar. *S A N A R E*, Sobral, v.14, n.01, p.104-106, 2015.

CDC. Centers for Disease Control and Prevention, *MMWR, Morbidity and Mortality Weekly Report*, US Selected Practice Recommendations for Contraceptive Use, 2016, CDC Recommendations and Reports, 65(4). 2016.

DAYNANDA, I. et al. *Contraception in: Emans SJH, Laufer RL, Goldstein's pediatric and adolescent gynecology.* 6th ed. Lippincott Williams & Wilkins, Philadelphia. 2011.



- DUARTE, G.A.; ALVARENGA, A.T.; OSIS, M.J.D.; FAÚNDES, A.; SOUSA, M.H. Participação masculina no uso de métodos contraceptivos. *Cad Saúde Pública*, 19:207-16, 2003.
- FERREIRA, M. M. DA S. R. D. S.; TORGAL, M. C. L. DE F. P. R. [Life styles in adolescence: sexual behavior of Portuguese adolescents]. *Revista da Escola de Enfermagem da U S P*, v. 45, n. 3, p. 589–95, 2011.
- FONSECA, A. D.; GOMES, V. L. O.; TEIXEIRA, K. C. Percepção de adolescentes sobre uma ação educativa em orientação sexual realizada por acadêmicos(as) de enfermagem. *Esc. Anna Nery*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 330-337. 2010.
- FURLANETTO, M. F. et al. Sexual education in Brazilian education: Systematic revision of the literature. *Cadernos de Pesquisa*, v. 48, n. 168, p. 550–571, 2018.
- GARCIA, L. P.; DUARTE, E. Intervenções não farmacológicas para o enfrentamento à epidemia da COVID-19 no Brasil. *Epidemiologia e serviços de saúde: revista do Sistema Único de Saude do Brasil*, v. 29, n. 2, p. e2020222, 2020.
- GONÇALVES, M. C. et al. Educação permanente em saúde: dispositivo para a qualificação da Estratégia Saúde da Família. Belém: UFPA, 2008.
- GUO, Y. R. et al. The origin, transmission and clinical therapies on coronavirus disease 2019 (COVID-19) outbreak- A n update on the status. *Military Medical Research*, v. 7, n. 1, p. 1–10, 2020.
- KELLER, E. F. Qual foi o impacto do feminismo na ciência? *Cadernos Pagu*, n. 27, p. 13–34, 2006.
- MIRANDA, P. S. F. et al. Sexual behaviors: study in the youth. *Einstein (Sao Paulo, Brazil)*, v. 16, n. 3, p. eAO4265, 2018.
- OLIVEIRA, V. D. DE; BEHM, D. G. *Fisiologia do Exercício*. v. 19, p. 9–19, 2020.
- PAIXÃO DE GOIS, B. et al. Suplementação E Alimentação Adequada No Contexto Atual Da Pandemia Causada Pela Covid-19. *DESAFIOS - Revista Interdisciplinar da Universidade Federal do Tocantins*, v. 7, n. Especial-3, p. 89–96, 2020.
- QIAN, M.; WU, Q.; WU, P.; HOU, Z.; LIANG, Y.; COWLING, B.; YU, H. Psychological responses, behavioral changes and public perceptions during the early phase of the COVID-19 outbreak in China: a population based cross-sectional survey. *MedRxiv*. 2020.
- ROSA, L. M. et al. Promoção da saúde na escola: prevenção da gravidez e de infecções sexualmente transmissíveis. *Brazilian Journal of Health Review*, v. 3, n. 1, p. 706–716, 2020.
- SBP. Sociedade Brasileira de Pediatria. Guia Prático de Atualização – Departamento Científico de Adolescência. Anticoncepção na Adolescência. 2018.



- SCHUCHAT, A. et al. Morbidity and Mortality Weekly Report Community Mitigation Guidelines to Prevent Pandemic Influenza-United States, 2017 Centers for Disease Control and Prevention MMWR Editorial and Production Staff (Serials) MMWR Editorial Board. Recommendations and Reports, v. 66, n. 1, 2017.
- VASCONCELOS, M. et al. Módulo 4: práticas pedagógicas em atenção básica a saúde. Tecnologias para abordagem ao indivíduo, família e comunidade. Belo Horizonte: Editora UFMG – Nescon UFMG, 2009.
- VASCONCELOS, S.S.C. et al. O Novo Coronavírus E Os Impactos Psicológicos Da Quarentena. DESAFIOS - Revista Interdisciplinar da Universidade Federal do Tocantins, v. 7, n. Especial-3, p. 75–80, 2020.
- VICENTIM, A. L. et al. Prevenção da gravidez na adolescência no Brasil. Enfermagem Brasil, v. 18, n. 4, p. 582, 2019.
- VIEIRA, A.; FILHO, D. M. Unimontes Científica Avaliação Do Conhecimento De Alunos Do Ensino Médio Sobre. p. 15–31, 2013.
- VIEIRA LM, SAES SO, DÓRIA AAB, GOLDBERG TBL. Reflexões sobre a anticoncepção na adolescência no Brasil. Rev Bras Saúde Mater Infantil. 2006; 6(1): 135-40.
- XAVIER, A.K.; ROSATO, C.M. Mulheres e Direitos: Saúde Sexual e Reprodutiva a Partir das Conferências da ONU. Revista Ártemis, p.116-130, 2016.
- XU, Z. et al. Pathological findings of COVID-19 associated with acute respiratory distress syndrome. The Lancet Respiratory Medicine, v. 8, n. 4, p. 420–422, 2020.
- WHO. World Health Organization. Selected practice recommendations for contraceptive use. 2nd ed, Geneva, Switzerland, WHO Press 2004.
- WHO. World Health Organization. Coronavirus disease (COVID-19). Situation Report – 114. Disponível em <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/situation-reports/>. Acessado em 13 de maio de 2020.